

LITOGRAFIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA E IMAGEM APROPRIADA: OS CASOS DE DAREL E LOTUS LOBO

Vitor Hugo Gorino¹

Palavras-chave: Litografia – fotografia – rótulos – apropriação de imagem.

Apresento um recorte na produção artística de dois gravuristas brasileiros contemporâneos: Darel Valença Lins e Lotus Lobo. A presente investigação e as questões levantadas acerca desses artistas trazem um aprofundamento de minha pesquisa de mestrado, concluída em 2009. O foco de nosso recorte e meu atual objeto de estudo são obras de ambos artistas realizadas a partir do início da década de 1970. Num desvio do tradicionalismo e do purismo técnico da gravura moderna brasileira, ambos passam a realizar processos de apropriação de imagens na composição de suas obras. Assim, seus trabalhos estabelecem diálogos com imagens fugazes de circulação maciça, alheias à produção e discussão da arte brasileira no período, imersas no contexto comercial, editorial e industrial do país. Dessa forma, expondo-se inevitavelmente a questões acerca da autoria de uma obra composta por imagens de terceiros, trazendo ao ambiente e discussão da crítica brasileira a questão da apropriação de imagens, que será virtuosamente explorada pelas artes visuais, especialmente a partir do século XX.

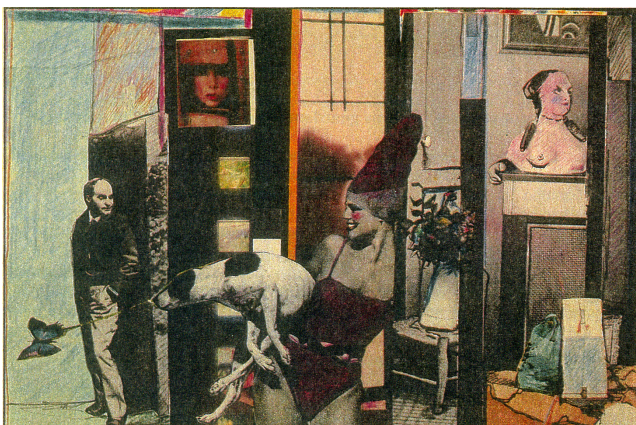
Naturalmente, o emprego de uma imagem preexistente na composição de uma obra de arte visual não é uma estratégia que data do século XX, muito menos do modernismo. Tal processo remonta à antiguidade, é inerente à figuração, e, portanto, cabe aqui diferir os casos quanto à natureza e a aplicação do recurso de apropriação de imagem. Tradicionalmente, o mero uso referencial de uma imagem na composição de outra, já configura um processo de apropriação que é intrínseco da representação figurativa; e, em virtude disso deve ser diferenciado do uso discursivo desse mesmo procedimento por uma obra de arte. Os artistas apresentados aqui se encaixam no segundo caso, suas obras fazem uso da apropriação de imagem e explicitam esse recurso em sua poética, indo além do uso referencial. São obras compostas pelo processo da gravura e que dialogam sobre seu caráter implícito de reprodutibilidade técnica a partir do recurso da apropriação.

Darel Valença Lins, nascido em Pernambuco em 1924, reside no Rio de Janeiro desde 1948. Além de seu trabalho voltado ao circuito artístico, atua como ilustrador editorial até o final dos anos 1960, podendo ser encontrado em diversas publicações de destaque entre jornais, revistas e clássicos

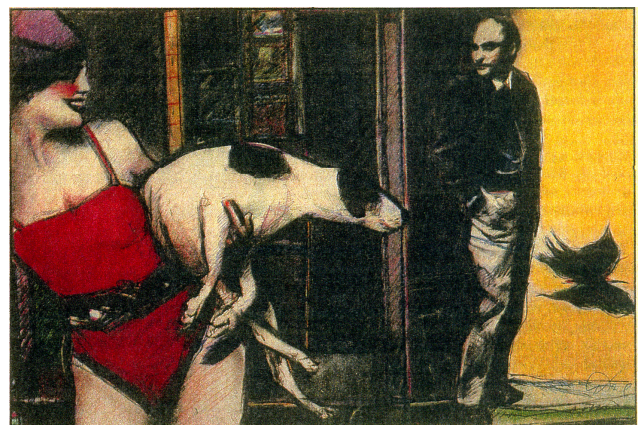
¹ vitorgorino@gmail.com. Mestre em artes visuais (Fundamentos teóricos e crítica das artes). Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da Unicamp (doutorando)

literários. Tal atividade concedeu ao artista um espaço de experimentação plástica associada à cultura e produção editorial, onde começou a produzir litografias e realizar ilustrações substituindo o desenho pela fotomontagem. Já em meados de 1970, trabalhos como esses atingem o primeiro plano de sua produção, migrando das ilustrações para as galerias. Darel apropria-se de imagens fotográficas das mais diversas origens e com elas realiza fotomontagens, “matrizes de composição” que eram usadas como estudo para posteriores desenhos, pinturas e, principalmente, litografias [Fig.1]. Na fotomontagem *O amigo de Degas* notamos o tradicional destaque das figuras humanas nos trabalho do artista pernambucano, em combinação com elementos geométricos, decorativos e mobília que sugerem um cenário de transição entre um ambiente externo e um interno. A multiplicidade de origens das imagens apropriadas pelo artista evidencia-se aqui pela disparidade entre a figura masculina à esquerda – proveniente de uma fotografia do pintor Edgard Degas – e a figura feminina ao centro – extraída de uma revista de circulação maciça. A fotografia do amigo de Degas, que nomeia a obra pode ser também comentada enquanto citação ao virtuoso interesse e uso referencial de imagens fotográficas pelo pintor francês em suas obras.

Essas montagens visavam a execução de um novo desenho, [Fig.2] nesse caso, a litografia de mesmo título, que contava com a reinterpretação visual da composição original, num processo de edição que modifica desde o enquadramento e a composição cromática até a inserção ou retirada de elementos. Apesar de ser etapa fundamental em seu processo criativo, a apropriação de imagens de Darel é materialmente velada. A obra final do artista não é a fotomontagem, mas sim um desenho de significativos indícios fotográficos. A fotografia para Darel é uma ferramenta compositiva pela qual a apropriação se faz visível por um jogo de visibilidade e invisibilidade de sua presença em seus desenhos. Em última instância é peça chave como citação ao referente do real, ao testemunharmos em suas obras a criação de um espaço psicológico misto de realidade e fantasia, que faz referência às vivências do artista e retrata graficamente esse teatral embate.



[Fig. 1] Darel. *O amigo de Degas*. Fotomontagem, cerca de 1985. Coleção Maísa Byngton.



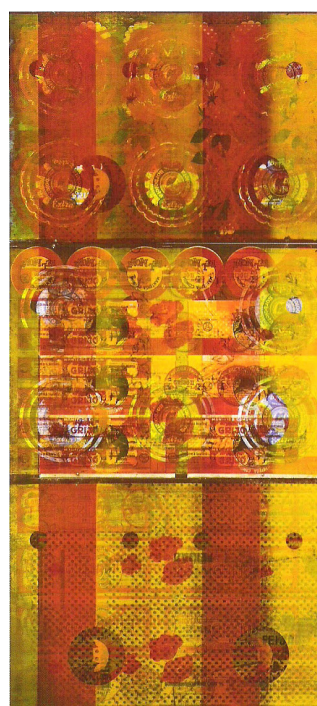
[Fig. 2] Darel. *O amigo de Degas*. Litografia, cerca de 1985. Coleção Maísa Byngton.

Para Lotus Lobo, nascida em Minas Gerais em 1943, a imagem apropriada estará em destaque e diante dos olhos do espectador. Cursando a escola Guignard em 1962 a artista entra em contato com a litografia, e já em 1965 leciona à frente do Grupo Oficina, Lotus sempre fora engajada na produção da litografia e na recuperação da memória litográfica mineira. Assim, no fim dos anos 1960, adquire

um grande volume de matrizes litográficas da estamperia das Indústrias Fagundes Netto, de Juiz de Fora, as quais continham os desenhos originais de rótulos e marcas locais da indústria de Minas Gerais. Apropria-se então dessas imagens, em sua maioria rótulos de alimentos, como balas, doces, manteiga etc. produzidos de 1920 a 1950, com destaque para produtos com nomes femininos e rótulos de complexa elaboração gráfica. Valendo-se de características específicas do design, tipografia e identidade visual dessas marcas Lotus reconfigura seu processo de impressão, reordenando-o. [Fig.3] No caso da obra da série maculaturas (nome que faz referência a refugos de impressão industrial de embalagens) encontram-se justapostos dois rótulos de manteigas com nomes femininos também justapostos a figuras de flores, extraídas das matrizes de outros rótulos de natureza similar, nesses casos a composição cromática é reinterpretada ou recriada pela artista, uma vez que a gravação nas matrizes é em preto e branco.



[Fig. 3] Lotus Lobo. Maculatura 1970. Litografia sobre folha de flandres



[Fig. 4] Lotus Lobo. Maculatura . 1970. Litografia sobre folha de flandres. Coleção Marcos Coimbra

O processo litográfico serve-se de impressões em múltiplas camadas ou matrizes, ajustadas segundo um registro de marcação. Tais particularidades, pertencentes ao mesmo processo em que os rótulos apropriados foram originalmente impressos, são habilmente empregadas pela artista criando, como visto, novas justaposições, e especialmente sobreposições e transparências. [Fig.4] Obras como essa exibem a imagem apropriada em primeiro plano, oscilando entre transparente e o translúcido, entre a visibilidade e a invisibilidade de uma imagem apropriada que esta presente, mas de forma distinta de sua configuração, composição e cores iniciais. Evidencia-se aqui o processo de impressão litográfica ao exibir nessa maculatura algo que simula – até mesmo em seu suporte, a folha de flandres, – um refugio de impressão industrial com diversas camadas aplicadas. Peças como essas eram comuns nas estamperias, dada a necessidade de limpeza e remoção de tinta das prensas. A artista estabelece, portanto, e de maneira indissociável em sua poética, um denso diálogo com a história do uso da técnica no Brasil, que oscila entre editorial e comercial até os anos 1950, quando começa a ser substituída por técnicas mais objetivas de impressão, migrando para o campo artístico onde teve seu pico nos anos 1960 e 1970, chegando a saturar o mercado brasileiro, desvalorizando-se.

A trajetória de ambos os artistas emparelha-se com a trajetória da litografia brasileira, produzindo, difundindo ou lecionando, Darel e Lotus são dois nomes de destaque no fomento à litografia artística. E no recorte proposto em nosso trabalho, processos análogos de apropriação e uso de imagens ocorrem em suas produções, ainda que dotados de argumentos e resultados distintos. Suas obras situam-se num campo limítrofe, entre as artes visuais e a cultura de massa, a ilustração editorial, a fotografia, a tipografia e o design. A discussão apropriada de obras como essas apenas se dá levando em consideração tais fronteiras e suas múltiplas influências, culminando no diálogo entre diferentes áreas que aqui se complementam.